

# Literatura no ensino médio: caminhos para se promover a leitura dos clássicos brasileiros

---

## Literature in high school: pathways to promote reading of Brazilian classics

Adriana Pin\*  
Instituto Federal do Espírito Santo - IFES

239

---

**RESUMO:** Pretende-se discutir a importância dos clássicos, evidenciando motivos da resistência dos alunos do Ensino Médio em ler essas obras previstas no currículo. Ítalo Calvino apresenta o caráter atual dos clássicos e a importância em se abordar o texto original, mesmo abordando adaptações deste. Para Adorno, a indústria cultural facilita o acesso a livros desprovidos do arcabouço necessário que constitui um clássico, entretanto Eco e Bourdieu suscitam um olhar atento e novo à arte industrial. Assim, apresenta-se uma prática desenvolvida com duas turmas de segundo ano dos cursos técnicos em Mecânica e Eletrotécnica integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal do Espírito Santo - *Campus São Mateus*, a partir das obras *Dom Casmurro* e *Ciumento de Carteirinha*, analisando as impressões de leitura por meio de comentários orais em sala de aula pelos alunos; e pelas produções de críticas e fanfic's destes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Ensino Médio. Leitura dos clássicos.

**ABSTRACT:** It is intended to discuss the importance of the classics, evidencing reasons of the resistance of the high school students to read these works provided in the curriculum. Italo Calvin presents the current character of the classics and the importance of addressing the original text, even addressing adaptations of it. For Adorno, the cultural industry facilitates access to books devoid of the necessary framework that constitutes a classic, yet Eco and

---

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes.

Bourdieu raise a keen and new look at industrial art. Thus, we present a practice developed with two second year classes of the technical courses in Mechanics and Electrotechnics integrated to the High School of the Federal Institute of Espírito Santo - Campus São Mateus, from the works Dom Casmurro and Jealous of Carteirainha, analyzing the impressions. reading through oral comments in the classroom by students; and for their critical and fanatic productions.

**KEYWORDS:** Literature. High school. Reading of the classics.

## Introdução

No decorrer do desenvolvimento do currículo de Literatura do Ensino Médio, nota-se uma certa resistência dos alunos em ler os clássicos da Literatura Brasileira. Dentre as possíveis causas dessa resistência, está a linguagem elaborada em variante culta, antiga, em nível elevado, o que requer uma leitura especializada, centrada, recorrendo ao dicionário, muitas vezes, e um conhecimento amplo do mundo para entender as temáticas abordadas nessas obras. Tomando como exemplo a interpretação e análise da obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis, é preciso conhecer o contexto histórico do Brasil e da Europa do século XIX; pensamentos predominantes na época, como o Determinismo e Positivismo; a condição da mulher no século XIX e a concepção de família; a organização da sociedade, a estética do Realismo; a linguagem utilizada naquele tempo; o estilo do escritor Machado de Assis, entre outros aspectos, tendo a leitura da obra literária sempre como ponto de partida e como centro e referência de todo o estudo.

240

Portanto, ler um clássico requer um exercício paciente, denso, de desbravamento da linguagem e da temática, as quais fazem parte de um processo criativo complexo, cuja recepção depende de uma leitura especializada. De forma que sua leitura contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, mas também se torna um desafio para estes, em que a linguagem pode se tornar um grande empecilho.

Buscando alternativas para se trabalhar os clássicos em sala de aula, os professores, muitas vezes, recorrem às adaptações e releituras, devido à linguagem contemporânea e concisa, cuja oferta de títulos no mercado editorial é bem grande. Contudo, essa prática não é bem vista por alguns estudiosos do assunto:

A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixamos falar sem intermediários que pretendiam saber mais do que ele. (CALVINO, 2000, p. 12)

Somado a essa situação, o consumo de livros e os índices de leitura no Brasil ainda são insatisfatórios. E quando isso acontece, o que as estatísticas têm mostrado é que as obras lidas são, em boa parte, aquelas produzidas pela Indústria Cultural, que circulam em grandes quantidades e são consumidas vorazmente, muitas se tornando *best-sellers*.

Far (2006) refuta o argumento de que o restrito consumo de livros se deva aos gastos com celulares, televisão a cabo e serviços de Internet por pessoas com um certo poder aquisitivo, principalmente nos centros urbanos. A autora argumenta que em outros países as pessoas consomem esses produtos, mas não deixaram de lado o costume de comprar livros.

Muito se tem feito para tornar não só o livro popular, mas corriqueira a leitura. O governo tem colocado em prática programas de incentivo à leitura, mas há uma prática, no Brasil, em que as pessoas parecem abandonar os livros, depois que saem da escola.

Fora do ambiente acadêmico e escolar, o conteúdo de um romance ou o estilo de determinado escritor dificilmente conquistam espaço nas conversas entre amigos. A exceção seriam os chamados *best-sellers*,

ou, em outras palavras, os mais vendidos. No Brasil, uma grande editora encara com otimismo a venda de três mil exemplares de um mesmo título. Grande parte das vezes, esse tempo é muito maior. Por isso há uma busca permanente pelos títulos que possam conquistar uma gama bem mais extensa de leitores, entrando assim na pequena lista dos mais vendidos. (FAR, 2006, p. 56)

No contexto do sistema capitalista, as livrarias precisam se manter no mercado, o que justifica a importância dos *best-sellers* para essas empresas. Os escritores também precisam se manter economicamente com seu ofício.

Segundo Sodré (1988, p. 74), “*Best-seller* é todo livro que obtém grande sucesso de público. Um romance culto que se vende muito, um romance folhetinesco de êxito, um trabalho científico, filosófico ou religioso que conta com grande público, são *best-sellers*”. Para todos os gêneros de obras mencionados, o que há em comum é ter um grande público. Sodré (1988, p. 12) também ressalta que um mesmo autor pode escrever obras tidas como “literatura culta” e outras com caráter folhetinesco: “O José de Alencar de *Senhora* não é o mesmo de *A viúvinha*, assim como o Machado de Assis de *Dom Casmurro* não é o mesmo de *Iaiá Garcia* ou *Helena*”.

Sodré reforça o caráter negativo da indústria cultural já apontado pela escola de Frankfurt. As comparações entre Cultura erudita e Cultura de massa são uma constante, quando se discute a relação da indústria cultural com a Arte. Adorno citado por Bosi (1994, p. 57-58) considera que essa intervenção torna a criação repetitiva e manipuladora:

[...] A convergência de ambas as camadas de arte nos meios de massa acaba prejudicando uma e outra: frustra a seriedade da arte erudita pela especulação sobre o efeito; domestica o vigor e a autenticidade da arte popular submetendo-a ao controle da indústria ou do Estado. O resultado é, assim, apoucador na medida em que não é a comunidade de receptores (o público concreto, a sociedade) que se exprime através dos meios, mas a mentalidade dos detentores desses meios, os quais supõem uma certa “visão de mundo” na massa dos consumidores [...] reduzindo tudo ao “princípio do efeito” que, como se sabe, motiva a propaganda comercial.

Enquanto a Cultura erudita, difundida no sistema educacional como padrão a ser alcançado, condena a Cultura de massa, inferiorizando-a, esta, por sua vez, aproveita-se daquela para veicular seu produto. E aqui se trava, por exemplo, discussões e críticas a respeito de algumas adaptações de obras-primas da Literatura para o cinema ou televisão, em que a crítica literária acusa a indústria cultural de diminuir e descaracterizar as obras literárias.

Porém, o problema vai além de simplesmente mapear essa situação, isto é, verificar que a literatura produzida no âmbito da indústria cultural contribui, de certa forma, para a manutenção das massas e que não condiz com os padrões estéticos vigentes da alta literatura. O que se percebe é a construção de um novo discurso que urge ser analisado. A exclusão desse problema parece incentivar ainda mais a sua permanência, não contribuindo para a mediação da leitura.

O estudo sobre a leitura, no Brasil, tem sido objeto de muito interesse, tanto do meio acadêmico como do governo e do mercado editorial. Hoje, entende-se que a obra literária não se limita à sua mensagem construída, mas à apresentação da capa e do texto, ao mecanismo de edição e circulação do suporte livro e à recepção do leitor.

### **A leitura dos clássicos e a intervenção da indústria cultural**

Na perspectiva de Umberto Eco (2011), a cultura erudita e a cultura de massa não se opõem, mas se integram, complementam-se, uma vez que ambas produções localizam-se no universo das comunicações de massa, não sendo possível fugir a essas condições objetivas, fornecidas pelos jornais, rádio, TV, música, internet..., em uma sociedade em que as classes subalternas começam a ter acesso aos bens culturais.

A imagem do Apocalipse ressalta dos textos *sobre* a cultura de massa; a imagem da integração emerge da leitura dos textos *da* cultura de massa. Mas até que ponto não nos encontramos ante duas faces de um

mesmo problema, e não representarão esses textos apocalípticos o mais sofisticado produto oferecido ao consumo de massa? Então a fórmula “Apocalípticos e integrados” não sugeriria a oposição entre duas atitudes (e os termos não teriam valor de substantivo), mas a predicação de adjetivos complementares, adaptáveis a esses mesmos produtores de uma “crítica popular da cultura popular”. (ECO, 2011, p. 9)

Compartilhando com os estudos de Umberto Eco, Pierre Bourdieu aponta alguns critérios de legitimação da obra erudita, como princípios estilísticos e técnicos, preocupação com a imagem que a mantém, exercício legítimo de uma prática intelectual e artística, inovação constante, produzindo para si mesma, ou seja, para um público bem delimitado e fechado; os agentes são todos da mesma esfera de conhecimento: autor, editor, livreiro, leitor. No campo erudito, a arte é pura significação, sendo sua instância de consagração o sistema de ensino. Na arte industrial, a obra literária é destinada a um público específico e necessita de ser comercializada, tornando-se uma mercadoria. Seus agentes são diferenciados. Sua instância de consagração não ocorre pelo sistema de ensino, mas por seus consumidores: os leitores, que constituem um mercado que muda e legitima uma obra.

Todavia, o mais importante é o fato de estes dois campos de produção, por mais que se oponham tanto por suas funções como pela lógica de seu funcionamento, coexistem no interior do mesmo sistema. Por este motivo, seus produtos derivam sua consagração desigual (ou seja, seu poder de distinção muito desigual) dos valores materiais e simbólicos com que são aquilatados no mercado de bens simbólicos, mercado mais ou menos unificado segundo as formações sociais e dominado pelas normas do mercado dominante do ângulo da legitimidade, qual seja o mercado das obras de arte erudita ao qual o sistema de ensino dá acesso e ao qual impõe suas normas de consagração. (BOURDIEU, 2013, p. 142)

Entre o círculo fechado traçado pelo campo erudito e a repetição de esquemas pela indústria cultural, Pierre Bourdieu aponta um meio-termo, isto é, uma postura não-maniqueísta, de mediação da leitura, em que a obra literária possa circular no campo do erudito e da arte industrial, visto que estes não são puros, mas coexistem em um mesmo sistema, ocorrendo uma “contaminação” de ambos. Um exemplo disso são as *adaptações*, as quais contêm as marcas da indústria cultural, mas com a intenção de se aproximar do erudito. Também a

obra literária do campo erudito está sujeita ao mercado, de alguma forma, no que se refere à sua difusão, principalmente, enfim, devido ao seu sentido público.

Diante desse contexto, depara-se com o ensino de Literatura e a leitura literária no Ensino Médio. No currículo, estão os clássicos da Literatura Brasileira, obras consagradas pela teoria e críticas literárias. Entretanto, as obras que fazem parte do currículo do primeiro ano, contempladas nos movimentos literários que vão do Trovadorismo ao Arcadismo, apresentam uma linguagem bem distante daquela encontrada pelos adolescentes e jovens nos livros contemporâneos. O mesmo problema persiste, claro que menos acentuado, nas obras do segundo ano, que vão do Romantismo ao Simbolismo. Já a partir do terceiro ano, a dificuldade com a linguagem diminui, mas restando ainda a escrita no formato clássico.

Isso posto, como desenvolver um trabalho em sala de aula, abordando os clássicos da Literatura Brasileira? Não apenas por uma questão de seguir o currículo, mas principalmente pela consciência da importância dessa leitura. Calvino é quem ressalta o valor desse texto:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixavam na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).  
Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. (CALVINO, 2000, p. 11)

Contudo, da consciência que se tem para a persuasão dos adolescentes e jovens a lerem os clássicos, há uma distância desafiante, no que se refere às práticas de sala de aula.

Portanto, buscando valorizar o texto clássico e promover, incentivar e mediar a leitura deste, as adaptações e releituras podem ser alternativas, desde que entendidas e analisadas como outros textos, mas com viés intertextual.

### ***Dom Casmurro* de Machado de Assis e *Ciumento de Carteirinha* de Moacyr Scliar: impressões de leitura por meio de análises críticas e *fanfic's***

Publicada pela primeira vez em 1899, a obra *Dom Casmurro* não é apenas um expoente do Realismo, mas de toda literatura brasileira produzida até o momento. Muito difundida, história de Bentinho e Capitu, narrada pelo ponto de vista do personagem Bentinho, é conhecida até por aqueles leitores não especializados, isto é, que não detêm um repertório acadêmico sobre Literatura. A obra também rompe as fronteiras, tornando-se conhecida pelos leitores estrangeiros, sendo bastante traduzida e lida. A temática abordada revela o ciúme exagerado de Bentinho em relação a Capitu e Escobar, mesmo sendo este amigo do narrador-protagonista e casado com a amiga de Capitu, Sancha. A partir do famoso quadrilho amoroso com um trágico desfecho, Machado de Assis constrói um dos mais importantes clássicos da Literatura Brasileira, principalmente no que se refere à estrutura narrativa e à linguagem.

246

---

A obra já foi adaptada para filmes, série, teatro e livros. Em 2006, o escritor Moacyr Scliar cria *Ciumento de carteirinha*, um romance juvenil, estabelecendo intertextualidade com *Dom Casmurro*. Mantendo o formato do quadrilho amoroso, a narrativa de Scliar constrói os personagens Queco (Francesco), Júlia, Vitório e Nanda (Fernanda). Eles são amigos e moram em Itaguaí-RJ, os quais decidem participar de um concurso, cujo prêmio em dinheiro iria possibilitar a reconstrução da escola, destruída em parte por um temporal. No concurso, o desafio é provar se Capitu traiu ou não Bentinho (o mote conhecido pela maior parte dos leitores da obra). Durante o concurso, Queco, que gosta da Júlia, diverge-se da opinião desta, a qual compartilha da mesma opinião de Vitório, amigo de Queco. Já Nanda, que gosta do Vitório, fica do lado de Queco. Divididos por pontos de vista diferentes, em relação à obra, Queco é tomado por um ciúme exagerado em relação à Júlia e Vitório, chegando a forjar um documento com a assinatura de Machado de Assis, encontrado na Academia



Brasileira de Letras, para incriminar Capitu e vencer o concurso. Porém, em oposição ao clássico, o desfecho de *Ciumento de carteirinha* apresenta um “final feliz”. Durante o concurso, Queco faz uma análise surpreendente da obra, declarando seu amor por Júlia, a qual corresponde.

Com base nessas duas narrativas, considerando o currículo do segundo ano do Ensino Médio, o qual contempla o estudo do Realismo Brasileiro, movimento literário da segunda metade do século XIX, propôs-se aos alunos dos cursos técnicos em Eletrotécnica e Mecânica integrados ao Ensino Médio que lessem, primeiro, *Ciumento de carteirinha* e, depois, *Dom Casmurro*, necessariamente nessa ordem, observando semelhanças e diferenças entre os enredos, linguagem e estilo dos escritores.

O objetivo de se propor essa ordem de leitura corrobora com a abordagem de Calvino (2000), quando diz da importância de se valorizar a leitura da obra original, em que a narrativa de Sclyar possibilitou não apenas a leitura desta pelos alunos, mas despertou a curiosidade de ler a obra original, *Dom Casmurro*.

Realizadas as leituras, cujo prazo foi de um mês, fez-se *uma análise crítica oral* das duas obras, em sala de aula, com base em um roteiro, que tinha como objetivo verificar se a leitura das duas obras realmente foi realizada pelos alunos e as impressões de leitura deles sobre as duas narrativas. Nessa análise, foram recorrentes apontamentos sobre: os dois desfechos diferentes; a semelhança entre os dois quatrinhos; tempos e espaços diferentes do contexto brasileiro; semelhanças entre os focos narrativos, sendo que na narrativa de Sclyar, a personagem Júlia tem mais voz do que Capitu, em *Dom Casmurro*.

Nas *críticas literárias escritas*, produzidas pelos alunos do curso de Eletrotécnica, alguns trechos se destacaram, como:

1. Ao colocarmos as duas narrativas lado a lado, percebemos que o *Ciumento de Carteirinha* é menos denso e enigmático frente ao *Dom Casmurro*. Todavia, a discussão acerca do ciúme doentio é oportuna

e nos leva a refletir: até que ponto esse sentimento força-nos a tomar posturas tão inconsequentes?

2. [...] Enquanto *Dom Casmurro* apresenta uma linguagem mais formal, com expressões da variante culta da língua, o *Ciumento de Carteirinha* mantém-se em um nível muito próxima à utilizada por nós, seguindo a norma culta da língua, mas com simplicidade e o uso de termos coloquiais.

3. [...] o livro *Ciumento de Carteirinha* de Moacyr Scliar, em uma brilhante adaptação de *Dom Casmurro*, traz aos leitores uma época atual, além de uma linguagem mais jovem e simples para tratar, assim como o clássico ciúme.

4. O contexto social da época de *Dom Casmurro* pode explicar o fato de julgarmos Capitu como uma mentirosa e dissimulada, afinal era uma mulher à frente de seu tempo e seu marido Bentinho não foi capaz de acompanhá-la. Em contrapartida, a obra de Scliar é uma trama que atende às representações da juventude atual.

5. Embora Bentinho deixe sinais por todo o livro das insinuações e a astúcia para mentir de Capitu e das semelhanças entre Escobar e Ezequiel é impossível determinar se houver traição apenas sob o olhar de um ciumento.

6. A principal diferença entre as obras é o desfecho: enquanto *Dom Casmurro* traz um final melancólico, onde Bentinho acaba sozinho em um casarão no Rio de Janeiro, *Ciumento de carteirinha* possui um “final feliz”, onde o Queco deixa o orgulho e o ciúme de lado para ficar com a Julia.

Já os alunos do curso de Mecânica produziram, em grupos, *fanfic's*, com base no clássico lido, cujos textos tiveram como títulos: *Aqueles olhos de ressaca...; Escobar; Madame Casmurro; Missões desarmônicas; Além do trágico; A voz de Capitu; Capitu e Sancha visitam Lucíola*. As *fancic's* apresentaram enredos e desfechos bem variados, alguns até bizarros, ora trágicos, ora cômicos:

[...] – Mãe, afinal, você o traiu ou não? - Ele perguntou novamente. Creio que minha expressão foi suficiente para saber a verdade. Era isso, Ezequiel finalmente sabia.

– Traí, filho. Admito. Você é filho de Escobar e não de Bento. – As palavras saíram como feridas para Ezequiel. Parecia que ele chorava, mas até hoje não sei, afinal minhas lágrimas haviam turvado minha visão. Enfim, esse segredo estava sob posse de mais alguém, e eu não precisaria carregar o fardo.

– Ah, então é isso, né. Você o traiu e nos enganou a vida toda. Não esperava isso de você, mãe. Não esperava, mesmo.

– Não me julgue, Ezequiel! Pois vou te contar a verdadeira história, para que entenda o que de fato ocorreu.

[...] (*Madame Casmurro*)

Ao abrir os olhos percebi, que tinha algo diferente. Levantei-me da cama, andei pelos cômodos e encontrei um rapaz, chamei-o, mas nenhuma resposta foi concedida. O desespero foi tomando conta de mim, a sensação de não pertença deste mundo, foi se tornando cada vez mais real. Dei-me conta de que nem minhas memórias estavam presentes. Solitária, tentei recordar como havia conseguido tais rugas e continuei vagando pela casa, quando escutei de longe o rapaz conversando com uma senhora, de aparência simples. Arrisco-me a dizer que se tratava de uma governanta, e é claro, não me notaram. Eles comentavam sobre a morte de uma senhora chamada Capitu, aparentavam terem sentimentos por ela, e de seu marido Bento, não entendi muito bem, mas parece que a tal mulher tinha falecido a pouco.

[...] (*Aqueles olhos de ressaca...*)

[...]

Escobar morreu! Não podia acreditar que estava acontecendo, como isso pode acontecer, logo Escobar, um grande nadador afogar-se, fiquei desolado, perdi qualquer ânimo que pudesse ter, não podia aceitar tal desastre, pensei até que poderia ser um castigo devido a tudo que havia feito, mas não importava mais, tudo aquilo perdeu o sentido, enfim, terminei meu casamento com Capitu, me mudei, saí daquele local que iria me lembrar dele, mas, no fundo, sabia que não adiantava nada, jamais poderia esquecer Escobar, o tempo passaria, mas minha dor não, me tornei um velho ranzinza, amargurado por tudo o que a vida me proporcionara, a minha felicidade já não podia ser alcançada, me excluí do mundo, passando os restos dos meus dias como um verdadeiro Dom Casmurro. (*Escobar*)

249

[...]

Às vezes, sinto-me estúpida por te perdoar em todas as vezes que você me acusou de forma injusta, mas acho que te perdoei tantas vezes por saber de sua insegurança em relação a mim, mas de fato nunca compreendi essa sua insegurança. Será que levante tantas suspeitas assim? Mesmo me conhecendo durante tanto tempo? Acho difícil entender, mas de qualquer forma tudo acabou, e é melhor esquecer tudo. (*A voz de Capitu*)

[...]

Após longas conversas, o clima vai esquentando entre os dois e o esperado beijo acontece; o mesmo é interrompido quando Sancha chama desesperadamente na porta pedindo para falar com Escobar. Capitu a guia até a sala, deixando-os a sós. Sancha tem uma crise de ciúmes e começa a gritar, alegando contar tudo a Bentinho.

Capitu, assustada, vai até a cozinha e pega uma faca e crava no pescoço de Sancha. Escobar fica estático e Capitu dá-lhe uma facada também, que reage, porém, ferido, cai logo em seguida.

Instantaneamente, Bentinho chega em casa, e se depara com Capitu segurando uma faca e os corpos de Sancha e Escobar no chão, e com o olhar de cigana oblíqua e dissimulada, responde o marido com facadas, que cai perto de seus pés.

Capitu então, desesperada e arrependida em parte se mata. (*Além do trágico*)

Dessa forma, foi possível a leitura do clássico, apesar de desafiante, segundo os alunos, por meio da intertextualidade presente na adaptação de Sclyar, obra crucial para motivação da leitura de *Dom Casmurro*, pois os alunos disseram que ficaram curiosos para ler a narrativa de Machado de Assis, após a leitura da narrativa de Sclyar.

Ao final daquele ano, no festival de Artes da escola, os alunos do curso de Mecânica, sob orientação da professora de Literatura, adaptaram o romance *Dom Casmurro* para teatro, fazendo uma apresentação que valorizou o contexto brasileiro no século XIX, tanto no figurino, cenário, iluminação, maquiagem, sonoplastia e linguagem da adaptação.

Foram três meses de ensaios semanais, trabalhando o texto original, contudo com alguns recortes da narrativa. Ao se fazer a leitura e interpretação oral, prosseguiu-se com a interpretação teatral, com testes para Capitu, Bentinho e Escobar (papéis bastante desejados pelos alunos-atores), seleção do elenco e equipes de produção, as quais eram reunidas em alternância aos ensaios, com o objetivo de orientar e acompanhar o trabalho desenvolvido. Após um longo trabalho, houve a apresentação no Festival de Artes, sendo bem recebida e aplaudida pelo público (comunidade acadêmica e familiares dos alunos).

## Referências

- ADORNO, T. *Indústria cultural e sociedade*. Trad. de Julia Elisabeth Levi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- ASSIS, M. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Globo, 1997.
- BOSI, E. *Cultura de massa e cultura popular - leituras de operárias*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. Trad. de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FAR, A. E. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

REVERBEL, O. *Um caminho do teatro na escola*. São Paulo: Scipione, 1989.

SCLYAR, M. *Ciumento de Carteirinha*. São Paulo: Ática, 2009.

SODRÉ, M. *Best-seller: a literatura de mercado*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.

## Anexos - fotografias dos ensaios e da apresentação da peça teatral

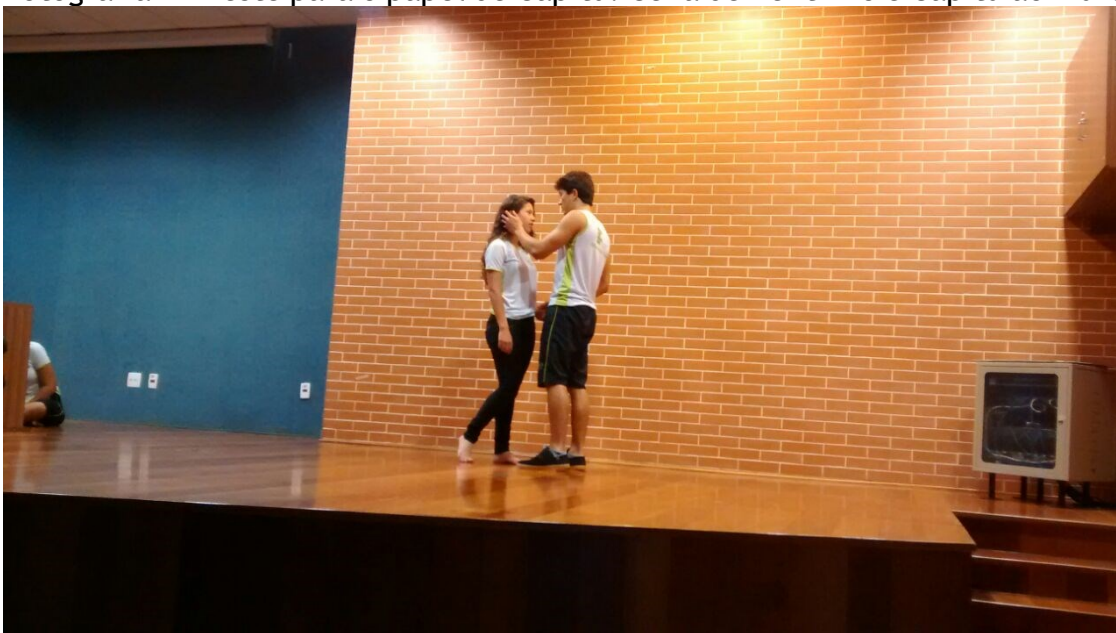
Fotografia 1 - Ensaio: Cena com a família de Bentinho (José Dias, Tio Cosme, Dona Glória e Prima Justina) conversando sobre a ida de Bentinho para o seminário.



Fonte: Acervo da autora.

252

Fotografia 2 - Teste para o papel de Capitu: Cena de Bentinho e Capitu ao muro.



Fonte: Acervo da autora.



Fotografia 3 - Apresentação: Capitu, Bentinho e Escobar congelados em cena, enquanto ocorre o narrador-personagem (Dom Casmurro) conta a história.



Fonte: Acervo da autora.

Fotografia 4 - Apresentação: Bentinho planeja envenenar seu filho Ezequiel.



Fonte: Acervo da autora.